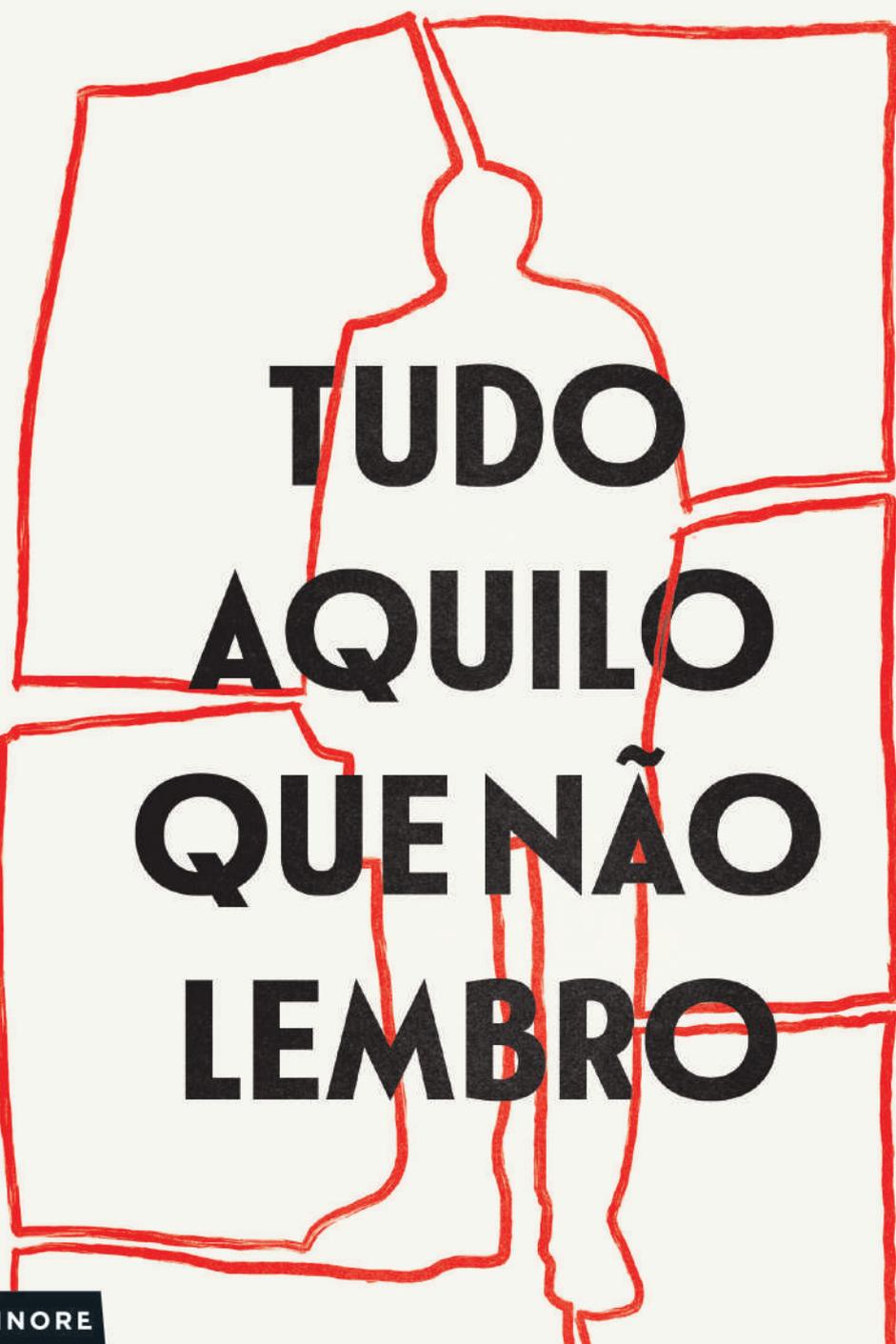


Vencedor do August Prize

JONAS HASSEN KHEMIRI



**TUDO
AQUILO
QUE NÃO
LEMBRO**

ELSINORE

ÍNDICE

11

PARTE I: a.m.

A Casa, 13

O Lar, 23

Correspondência, 33

Berlim, 47

—

75

PARTE II: Laide

A Sala de Estar, 77

A Cozinha, 141

A Varanda, 205

—

239

PARTE III: p.m.

O Si-mesmo (1), 241

O Si-Mesmo (2), 261

—

Oh na na, what's my name?

RIHANNA

PARTE I

A.M.

A CASA

O vizinho estica a cabeça, olha por cima da sebe e pergunta-me quem sou e o que estou aqui a fazer.

*

Bem-vindo. Senta-te. Descansa. Não há motivo para preocupações, asseguro-te. Basta carregar-se no botão de pânico e eles aparecem em 30 segundos.

*

O vizinho desculpa-se; diz que, depois de tudo o que aconteceu, não se pode criticar que eles se sintam desconfiados em relação a qualquer pessoa nova que não conheçam.

*

Eu também tinha uma imagem precisa do que seria estar aqui. Sabes, era mais parecido com o que se vê no cinema. Barras de ferro espessas, uma latrina nojenta a um canto, beliches e chuveiros cheios de vapor onde se deve ter o cuidado de não deixar cair o sabonete. Imaginava ter de andar com uma lâmina de barbear na boca 24 horas por dia, todos os dias da semana, preparado para qualquer eventualidade. Mas podes ver com os próprios olhos. Isto é mais parecido com um albergue. As pessoas são fixas. As casas de banho estão limpas.

Até há uma oficina onde se podem fazer trabalhos em madeira. Tive sorte por vir aqui parar.

*

O meu vizinho convida-me para tomar um café; avançamos pela ladeira de cascalho acima; ele fecha a porta do escritório e liga a máquina de café na cozinha. Trágico, diz, a abanar a cabeça. É incrivelmente trágico o que aconteceu.

*

Faltam dois meses e três dias. Mas tudo bem. Não penso muito nisso. Estou bastante satisfeito por estar aqui. É certo que é bastante tempo. Mas, por outro lado, não preciso de me preocupar por não ter dinheiro para a renda. Que queres saber? Queres que comece pelo dia em que conheci o Samuel? Queres a versão longa ou a versão curta? Decide tu. Tenho todo o tempo do mundo.

*

O vizinho põe na mesa pequenas chávenas brancas e biscoitos *Ballerina* num prato. Com quem é que falaste além de mim, pergunta. Correm muitos rumores pela vizinhança. Alguns dizem que o Samuel estava deprimido e andava a planear isto há muito tempo. Outros dizem que foi apenas um acidente. Outras pessoas criticam a rapariga com quem ele andava; como é que ela se chamava? Laida? Saida? É isso, Laide. Outros dizem que foi culpa do grande amigo do Samuel, o fulano que está preso, aquele que fazia fosse o que fosse por dinheiro.

*

A primeira vez que nos encontrámos foi em fevereiro de 2009. Andava a fazer as rondas com o Hamza. Tinham-lhe dado a dica de que uma

determinada pessoa estava numa festa privada em Liljeholmen. Fomos até lá e tocámos à campainha; o Hamza entalou o pé na porta antes de a rapariga que a tinha aberto ter tempo de a fechar e lá fez a sua fita sobre conhecer alguém que conhecia alguém e que estávamos ali para festejar o novo apartamento dela. Por fim, lá nos deixou entrar e fugir do frio.

*

O vizinho deita o café nas chávenas, estende o prato de biscoitos e diz que não conhecia muito bem o Samuel. Mas eu conhecia a avó. Quando somos vizinhos durante mais de 20 anos, acabamos por conhecer bem as pessoas, é inevitável. Costumávamos cumprimentar-nos quando nos cruzávamos lá em baixo, ao pé das caixas de correio. Perguntávamos como é que estavam as coisas, falávamos do tempo. Uma vez tivemos uma longa conversa sobre os prós e os contras de instalar aquecimento geotérmico. Ela era uma grande mulher. Honesta e direta, teimosa e opiniosa. É realmente uma pena as coisas terem acabado como acabaram.

*

Entrei com o Hamza no elegante apartamento. Avançámos de sala em sala, cumprimentámos pessoas que olhavam para o chão em vez de dizerem olá. Fiquei a pensar no que estávamos ali a fazer, porque as pessoas da festa não tinham o ar de serem pessoas que tivessem negócios com o Hamza. Os rapazes usavam casacos de fato e as raparigas estavam com sapatos próprios de andar por casa; o frigorífico tinha um visor digital e uma máquina de fazer gelo. O caso vai ser rápido, pensei, o Hamza só tem de encontrar a pessoa certa, fazer o que tem de ser feito, e eu fico ao lado dele para que se perceba que não é altura para discussões.

*

O vizinho bebe um golo de café e volta a cara para o teto, para o engolir. Quando foi a última vez que vi o Samuel? Foi quando ele aqui esteve para vir buscar o carro. Lembro-me disso como se fosse ontem. Era uma quinta-feira de manhã, tinha chovido de noite, mas o tempo tinha melhorado. Eu estava sentado a ouvir rádio quando vi alguém a esgueirar-se junto das caixas de correio, lá em baixo. Levantei-me e fui até à janela, para ver melhor.

*

Havia música na sala. As pessoas estavam a dançar de forma educada, como manequins numa loja. Tinham nos rostos aqueles sorrisos que têm os bonecos da *LEGO*. Mas ali, entre eles, estava o Samuel. E o meu primeiro pensamento foi o de que ele estava a ter uma crise epilética. Estava como que a vibrar ao ritmo da música que se ouvia num volume baixo. Depois pôs-se de joelhos e saltou como um guitarrista. Depois abanou a cabeça de um lado para o outro como se fosse um sino de igreja. Faltavam duas horas para a meia-noite e o Samuel estava a dançar como se fosse a última-barra-melhor canção do mundo.

*

O vizinho levanta-se e põe-se de pé à janela. Era aqui que eu estava. Mesmo aqui. Eram vinte para as nove. Fiquei a olhar para as caixas de correio. Eu estava a segurar no telefone. Eu devia ligar para um determinado número, caso fosse alguém que eu não reconhecesse. Mas rapidamente percebi que era o Samuel. Vinha a subir a ladeira com o jornal local e alguns folhetos publicitários na mão. Trazia uma camisa e um casaco por baixo do sobretudo desabotoado. Vinha a andar devagar, a olhar para o chão.

*

O Hamza continuou em frente. Eu segui-o. Encontrámos a pessoa indicada, tivemos uma curta conversa, houve uma troca de notas, tudo se passou muito facilmente. Depois de acabarmos, o Hamza estava com sede e queria uma bebida. Fomos até à cozinha. O Hamza serviu duas bebidas, uma para ele e outra para mim. Ele emborcou a primeira bebida e fez a sua macacada. Depois ficámos ali em silêncio. Ninguém falou connosco. Nós não falámos com ninguém. De vez em quando, a rapariga da festa vinha até à cozinha deitar uma espreita-dela, para ter a certeza de que não virávamos tudo do avesso.

*

O vizinho estendeu um indicador retorcido. Vês aquela bétula? Foi ali que ele parou. Olhou para os topos de árvores carbonizados e para a casa queimada. Lembro-me de pensar que ele parecia mais pálido do que habitualmente. Levantou uma mão e deu uma palmadinha na cara, como se quisesse acordar ou talvez confortar-se a si próprio.

*

Passados alguns minutos, o Samuel e uma rapariga com um ligeiro buço apareceram na cozinha. O Samuel tinha manchas escuras por baixo das mangas da t-shirt; a rapariga estava vestida com um lençol vermelho com buracos no sítio dos braços. Estava a falar de planos para a noite, havia uma noitada no clube Reisen e o DJ tinha-os posto na lista de convidados em Grodan, e, mais tarde, alguém chamado «Sexy Sónia» estava a dar uma festa em Midsommarkransen. O Samuel abanou a cabeça e encheu o copo. Eu estava a pensar que ele tinha tantos músculos como um arco e uma flecha. O Hamza foi à casa de banho. Eu fiquei no mesmo sítio. Era uma boa ocasião para dizer uma coisa qualquer. Neste momento podíamos estender a mão e apresentar-nos, como fazem as pessoas quando se conhecem nas festas. Como estás? Podia eu dizer. O que é que se faz? De onde conheces a rapariga da festa? Qual é o DJ que está a tocar no Reisen? Qual é a morada exata da «Sexy Sónia»?

Mas eu não disse nada. Só fiquei ali a pensar que devia dizer qualquer coisa. Porque naquele momento e naquele sítio ainda não estava habituado a ouvir a minha própria voz como estou agora.

*

O vizinho volta a sentar-se e serve mais café. Depois devem ter passado mais quinze minutos. Quando o Samuel saiu da casa, transportava um saco de plástico que estava tão cheio que até parecia que as pernas iam rebentar. Enfiou o saco no assento de trás e viu-me quando estava quase a sentar-se ao volante. Levantou a mão e acenou.

*

A amiga do Samuel saiu para ir fumar um cigarro. O Samuel começou a abrir e a fechar as gavetas da cozinha.

— Por acaso não sabes onde posso encontrar uma faca, pois não? — perguntou-me.

Apontei para o bloco das facas.

— Obrigado.

O Samuel tirou uma melancia da cesta das frutas, cortou-a ao meio e perguntou se eu queria um bocado. Eu fiz-lhe que sim com a cabeça. Depois cirandou pela cozinha, oferecendo bocados de melancia a quem quisesse.

— Festa aborrecida — disse, quando voltou.

Aprovei.

— Vocês vão a algum lado, mais tarde?

Encolhi os ombros.

— Queres experimentar uma coisa divertida? Aqui — mete a tua mão aqui dentro.

O Samuel estendeu-me metade da melancia. Fiquei a pensar se ele tinha mesmo o juízo todo.

— A sério! Experimenta!

— Porquê? — perguntei.

— Vai ser memorável.

E, sem saber bem porquê, estendi a minha mão e enfiei-a dentro da melancia.

— Que tal é a sensação? É esquisito, não é? Espetacular? Agora é a minha vez.

Não dava nenhuma sensação especial. Era húmido. E fresco. Retirei a mão da melancia e o Samuel enfiou a dele. Na cozinha, as outras pessoas olhavam para nós como se estívéssemos a mijar no lava-loiça. Mas o Samuel limitou-se a sorrir e perguntou-lhes se queriam experimentar.

— Vão arrepender-se — disse ele, quando elas abanaram as cabeças.

*

O vizinho suspira. Ali estava ele. Encostado ao *Opel* da avó. Com a mão levantada num aceno. E eu estava prestes a acenar-lhe de volta. Mas depois vi o pátio coberto de fuligem, os restos do que tinha sido o sótão da avó dele, as marcas pretas de incêndio no teto da minha garagem. Lembrei-me de como aquilo podia ter acabado mal, se o vento estivesse a soprar de outro lado. Desviei o olhar. Mas foi mais difícil do que tinha calculado. Quase tive de fazer assim, para que a minha mão não acenasse por si só [empurra a mão direita para baixo com a esquerda]. Há coisas tão profundamente arraigadas que nos são impossíveis de evitar. Fizemo-las ao longo de toda a nossa vida e tornam-se pura e simplesmente automáticas. É o mesmo que acontece com a sexualidade.

*

O Samuel limpou a mão e apresentou-se. Eu não sabia que nome havia de usar, porque nunca me apresentava dando o meu verdadeiro nome quando andava a fazer as rondas com o Hamza. Uma vez disse que me chamava «Örjan». Outra vez apresentei-me como «Travolta». Outra vez, nós entrámos numa festa privada em Jakobsberg, atrás de umas irmãs gémeas que tinham pedido dinheiro emprestado para manter o salão de cabeleireiro à tona, e foi quando eu disse que me chamava

«Ulabandula». Podia dizer o que quisesse, porque ninguém se atreveria a dizer que o meu nome não era o meu nome, tendo em conta o meu aspeto de então. Mas quando o Samuel se apresentou, eu disse-lhe o meu nome verdadeiro. Preparei-me para as perguntas inevitáveis. — O que é que disseste? Vamdab? Vanbab? Van Damme? Ah, Vandad! Que raio de nome é esse? O que é que quer dizer? De onde vêm os teus pais? Vieram para cá como refugiados políticos? Nascestes aqui? És meio sueco ou sueco por inteiro? Sentes-te sueco? E quão sueco é que te sentes? Comes carne de porco? A propósito, sentes-te sueco? Podes voltar ao teu país de origem? Já lá foste? Que sensação tens, quando lá vais? Não te acontece sentires-te estrangeiro quando cá estás e sueco quando estás lá? Quando as pessoas percebiam que eu não queria falar das minhas origens, falavam então de ginástica, queria saber se gostava de bebidas com proteínas ou o que pensava das artes marciais.

*

O vizinho empurra a chávena de café e pigarreia. Pensando bem, acho que lhe podia ter acenado de volta. Que diferença é que isso teria feito? Talvez nenhuma! O dia do Samuel teria começado de uma forma um pouco mais agradável. Era capaz de ficar um bocado mais bem-disposto quando voltasse a circular. Mas eu não podia de modo nenhum saber que aquela ia ser a última vez que o via.

*

O Samuel era diferente. O Samuel não tentou falar das minhas origens ou de ginástica. O Samuel só disse:

— Vandad? Tal como o xá que combateu o Gengis Khan? Uau!

Depois empenhou-se num discurso sobre os Mongóis durante os dez minutos seguintes. Disse que cinco por cento dos homens do mundo inteiro partilham o ADN com o Gengis Khan, só porque ele teve relações-barras-violou um número incontável de reparigas. Disse que o império do Gengis Khan foi o maior na História da Humanidade

e que os Mongóis mataram cerca de 40 milhões de pessoas. Disse que os Mongóis castigavam de uma forma mesquinha os chefes das aldeias, deitando-lhes ouro líquido incandescente nos orifícios corporais até ficarem esturricados. Não tinha a mais pequena ideia do porquê de aquele fulaninho magricela me estar a falar dos Mongóis e também não fazia a mínima ideia sobre o porquê de lhe estar a dar ouvidos. Mas havia algo de diferente na nossa maneira de conversar. Nunca falámos de empregos, de moradas ou das nossas origens. Só falámos das armas dos Mongóis, das suas técnicas de combate, da sua lealdade, dos seus cavalos. Ou antes: era sobretudo o Samuel quem falava, e eu ouvia. Mas quando a rapariga que dava a festa foi à cozinha e nos viu ali de pé numa conversa profunda, foi como se começasse a olhar para mim sob outro prisma. Gostei da maneira como ficou a olhar para mim.

— Como é que sabes essas coisas todas? — perguntei-lhe, pensando que ele talvez fosse um professor de História.

— Não sei — disse o Samuel, e sorriu. — Acho que isto me vem de um jogo qualquer de computador. Tenho uma memória muito esquisita. Há coisas que me ficam coladas.

— Mas geralmente só se desvanecem — disse a amiga, vestida com um lençol vermelho, ao regressar da varanda, envolta numa nuvem de fumo.

*

O vizinho sacode algumas migalhas da toalha de vinil e diz que, seguramente, não é como *algumas* pessoas da vizinhança. Eu não tenho preconceitos contra pessoas de outros países. Nunca percebi a razão pela qual várias culturas se isolam umas das outras. Adoro viajar. Desde que me reformei, passo os invernos no estrangeiro. A comida indiana é muito saborosa. Há um fulano a trabalhar na peixaria do Konsum que vem da Eritreia e que é bastante simpático. Não foi coisa que me fizesse espécie nenhuma, quando outras pessoas se começaram a mudar para a casa da avó do Samuel. Não me incomodou nada algumas dessas mulheres usarem véu. Por outro lado, não gostei que

usassem o grelhador no terraço do telhado e que deitassem os sacos do lixo deles no meu caixote do lixo. Mas isso não tem nada a ver com as origens deles.

*

Quando o Hamza voltou, o ambiente da cozinha tinha-se transformado. As pessoas seguravam os copos mais perto do corpo.

– Pronto? – perguntei.

– Os paneleiros fodem na floresta? – disse ele.

– Porque é que os paneleiros fodem na floresta? – perguntou o Samuel.

– Ora, é uma treta de uma expressão – respondeu o Hamza. – Lê um livro e talvez assim não tenhas de espalhar a tua ignorância.

O Hamza e eu fomo-nos embora; reparei que ele estava com os azeites, alguma coisa lhe tinha acontecido. A noite ia ser longa. Tinha razão, aconteceram umas cenas antes do fim da noite, não posso explicar exatamente quais, mas eu apoiei-o e não o desiludi, disse que estava sempre do lado dele, e fi-lo, protegi-o, leal como um mongol. Mas, a caminho de casa, prometi a mim próprio que ia reduzir a minha colaboração com ele e tentar encontrar uma nova maneira de pagar a renda.

*

O vizinho aperta-me a mão e deseja-me boa sorte na reconstrução do último dia do Samuel. Se lhe pudesse dar um único conselho, seria que mantivesse a história o mais simples possível. Conte apenas o que aconteceu – nada de ornatos. Li parte dos seus outros livros e pareceu-me que tornava as coisas desnecessariamente difíceis para si.

O LAR

A ajudante de enfermagem do primeiro andar diz que não quer que o seu nome verdadeiro apareça no livro. Chama-me antes «Mikaela». Sempre quis que me chamassem «Mikaela». Tinha uma amiga com esse nome no infantário, e eu estava sempre cheia de ciúmes por ela o poder dizer e ninguém lhe fazer perguntas sobre o sítio de onde vinha e sobre o significado do nome. Era exatamente como eu, mas era tratada de outra maneira, por causa do nome. À parte isso, não conhecia bem o Samuel. Só o encontrei algumas vezes enquanto trabalhava; não fiz mais nada senão abrir-lhe a porta quando vinha visitar a avó. Da última vez que ele aqui esteve, ouvi um estampido ao pé da porta, um ruído penetrante que me magoou os ouvidos, e, quando lá fui, o Samuel estava ali a bater no vidro, com uma chave do carro. Já antes lhe tinha dado o código e já lhe tinha passado a minha mnemónica, aquela de que me sirvo para me lembrar logo do código, mas ali estava ele outra vez, a bater e a parecer meio envergonhado quando me viu. Parecia ter acabado de acordar. Estava a segurar num saco de plástico que quase rebentava de tão cheio que estava, e tinha-se formado um círculo de vapor à frente da sua boca; lembro-me de ficar a pensar quanto tempo não teria ele ali estado, a tentar lembrar-se do código.

*

Nada de especial. Acredita. Se fosse crucial para a história, eu ter-te-ia contado. Uma maçada. Artimanhas. O Hamza estava a ter um encontro com um fulano que lhe devia dinheiro, e o fulano e o Hamza não estavam

de acordo sobre a importância do empréstimo. Tivemos de o levar à casa de banho e lembrar-lhe a quantia. Nada de sério, acho que ele nem sequer apresentou queixa. Foi apenas uma noite como as outras, que acabou connosco a chamar o nosso taxista de contacto, que nos levou depressa e bem para casa, e sem recibo. O Hamza ia a rir-se no assento de trás, estava feliz com os ganhos dessa noite, estava a mostrar-me e a contar as notas, e, como de costume, disse que devíamos manter-nos unidos, atacar por conta própria, e não ser apenas escravos de outras pessoas. Mas eu tinha decidido que estava farto daquilo tudo.

*

A «Mikaela» sorri quando lhe pergunto pela mnemónica dela. Eu sei que parece uma coisa um bocado foleira quando se conta, as mnemónicas são mesmo assim: quanto mais foleiras forem, melhor funcionam, e, naquela altura, o código era 14-72, e eu sempre pensei que aquele trabalho era uma espécie de mistura entre entrar numa guerra mundial – 14 – e ser feita refém por terroristas numa aldeia olímpica – 72. Partilhei duas vezes com o Samuel a minha regra, porque estava cansada de lhe abrir a porta, e eis que tinha de voltar a fazê-lo; abri-a e disse olá e perguntei-lhe se não se lembrava da mnemónica.

– Mnemónica? – disse ele.

E eu pensei: Bem, uma coisa é não se lembrar do código e outra é não se lembrar do que é uma mnemónica. Mas é bastante esquisito não se conseguir sequer lembrar de ter alguma vez ouvido falar numa mnemónica. Sou até capaz de ter pensado: Bem, deve ser um defeito de família, vens cá parar daqui a uns anos.

*

Mais tarde, nessa mesma semana, entrei em contacto com uma empresa de mudanças. Conhecia pessoas que tinham ali arranjado emprego em pouco tempo. O Blomberg estava sentado com o seu boné amarelo de basebol e com os seus auriculares e com as pastas,

e, mal eu entrei e me apresentei, o olhar dele deambulou de um dos meus ombros para o outro.

— Tens carta de condução?

Assenti.

— És cidadão sueco?

Assenti.

— Quando é que podes começar?

*

O auxiliar de enfermagem do segundo andar não tem qualquer problema, caso o seu verdadeiro nome venha a aparecer no livro. Chamo-me Gurpal, mas toda a gente me chama Guppe. Também queres o meu apelido? Põe aí que tenho 38 anos e sou solteiro, que gosto de fazer grandes caminhadas, de ver filmes de ficção científica, e de R. Kelly, mas não das suas canções mais atrevidas. Trabalho aqui há dois anos, quase há três, mas isto é só temporário; na realidade, sou músico e tenho um pequeno estúdio em casa que eu próprio construí, porque transformei um cubículo e ali gravo as minhas próprias canções; é do tipo *soul* moderna, mas em sueco, com muitos instrumentos de cordas e um piano, temperada com influência *bhangra*, batidas *hip-hop* e refrões melódicos. Um amigo descreveu-a como uma música com um forte ritmo *trip-hop* comprimida através de um filtro de *soul* e *jazz*; é música *pop* urbana marinada em *bebop* clássico, com um toque de selva. Bem, parece muito maluca quando a descrevo, mas teria muito gosto em mandar-te algumas canções, se tiveres vontade de ouvir.

*

Antes de voltarmos ao que aconteceu naquela altura, gostava de saber um pouco mais a teu respeito. Como te lembraste de fazer isto? Porque queres contar a história do Samuel? Com quem mais é que falaste?

*

Guppe diz que estava no fim do seu turno quando o Samuel saiu do elevador. Eram 21h30, mas a avó dele tinha estado a pé desde as 19 horas e estava a perguntar por ele de dez em dez minutos. Quando ele finalmente chegou, ela tinha acabado de adormecer.

– Como é que ela está? – perguntou o Samuel, contendo um bocejo.

– Parece estar a ter um dia bom, hoje – disse eu. – Estás a mudar-te para cá?

O Samuel sorriu e olhou para o saco de plástico, que estava cheio como um saco do lixo.

– Não, não, são só umas coisitas de casa dela. Tralha nostálgica. Pensei que era boa ideia ficar com isto.

– Para ti ou para ela?

– Para ambos. Já ouviste este clássico?

O Samuel pescou um CD do saco. Na capa via-se um piano transparente, de brincar, cheio de rebuçados.

– O *Örogondis Sete*?

O Samuel anuiu.

– Do Lars Roos. Também famoso por causa das obras-primas *Örogondis Um a Seis*. A avó estava sempre a ouvi-lo quando eu era pequeno.

O Samuel aproximou-se da avó, que estava sentada na sala de televisão a dormir. Ela estava com sapatos brancos, um casaco fino bege e uma saia com uma cor de que não me lembro. Tinha a mala de viagem mesmo ao lado dela. Tinha tentado explicar-lhe que não ia precisar daquilo, que só ia até ao hospital e que logo voltava. Mas ela contradisse-me; disse que tinha de levar da mala com ela, e se há algo que aprendi enquanto aqui estive, foi que não era possível fazê-la mudar de opinião depois de ela a ter formado.

– Não sou teimosa – gostava ela de dizer. – Mas nunca cedo.

*

Muito bem. Tem calma. Guarda lá o teu currículo. Não me interessa para nada saber qual é a editora dos teus livros. Não me importa saber que mais foi que escreveste. Só tenho curiosidade em saber o que

é que, de acordo com a tua história pessoal, te pode tornar na pessoa indicada para contar esta história. O que é que te fez querer escrever sobre o *Samuel*?

*

O Guppe diz que o Samuel esteve ali a olhar para a avó durante um ou dois minutos antes de a acordar. Ela estava a rressonar. Estava ali com a boca assim [abre muito a boca, como que a querer bronzear o fundo da garganta com a luz fluorescente do teto]. A mala de viagem estava ao lado dela e, quando o Samuel a abriu, caíram casquilhos de luzes, uma fatia de bolo e dois comandos de televisão. O Samuel acariciou-lhe a face [toca na própria face duas vezes, fecha os olhos] e ela estremeceu e esfregou os olhos. Olhou para o neto. Durante um segundo ou dois, foi como se não se lembrasse dele. Depois sorriu e exclamou [faz dos braços asas de avião]:

— Até que enfim!

E depois:

— Mas que surpresa!

Foram para o quarto dela. Quando voltaram a sair de lá, o Samuel estava a usar este chapéu de pele castanho-tinhoso. Tinha a mala de viagem e o saco de plástico numa mão, e servia-se do outro braço para amparar a avó.

— Vamos embora! — gritou ela com um aceno. — Foi bom termos-nos cruzado.

Parecia feliz, feliz de uma maneira que nunca costumava estar [parece triste].

*

Bem. Eu percebo. Desculpa. Realmente não sei o que dizer.

*

Guppe diz que a primeira coisa que a avó do Samuel fez ao chegar ao lar foi acusar de roubo todos os homens com pele escura que ali trabalhavam. Ela estava convencida de que nos esgueirávamos de noite e lhe levávamos os colares de pérolas, por muito que os filhos dela e os netos lhe repetissem que os colares de pérolas dela estavam seguros e bem guardados no cofre da caixa-forte do banco. Nem sei se ela tinha pérolas, mas ela escondia a caixa das joias debaixo da cama, e passadas duas horas carregava no botão de chamada e dizia que era vítima de mais um roubo. A família dela pedia desculpas, diziam que ela nunca tinha sido assim, contavam histórias sobre o facto de ela ter sido professora numa área pobre e ter iniciado um clube na sua paróquia para juntar milhares de coroas para construir escolas em países africanos. Ela vendia coisas nas feiras da ladra e rasgava lençóis, para poderem ser usados como ligaduras nos hospitais da Roménia, e quando, um dia, o contacto que mantinha com um orfanato da Letónia não conseguiu encontrar um condutor para levar um carregamento de roupa de inverno, ela conseguiu convencer o filho mais velho a fazê-lo, e acompanhou-o; ambos foram de carro até à Letónia e deixaram lá as caixas de roupa para o orfanato.

Passados uns tempos, era quase esquisito ouvir os familiares dela enumerarem estes factos, ouvi estas histórias a vários membros da família, repetidas vezes, parecia que queriam compensar algo, parecia que não percebiam que éramos profissionais. Estávamos habituados a estas coisas. Temos as nossas rotinas. Há um velhote confuso ou uma velhota baralhada em cada sala e quando carregam na campainha para chamar e dizem que está uma pessoa assustadora na casa de banho, nós tapamos o espelho com um lençol. Quando nos dizem que está uma pessoa idosa a espiá-los pela janela, fechamos as cortinas. Não é permitido a nenhum dos velhos barbearem-se sozinhos, porque, se o fizessem, podiam aparecer à mesa do pequeno-almoço sem sobranceiras. Não podemos esquecer nenhuma garrafa de álcool etílico, porque alguém as iria beber. A avó do Samuel estava longe de ser dos casos piores. Apesar de ser uma das pessoas que tinham mais mudanças de humor.

*

Quando é que isso aconteceu? Eras uma pessoa próxima? Ainda estás em contacto com a família?

*

Guppe conta que, num dia em que a avó do Samuel estava especialmente maldispоста, a mãe do Samuel tentou dar-lhe uma gorjeta. Ela estendeu-lhe uma nota de 100 coroas e disse-lhe que pedia desculpa por todas as coisas que ele tinha de ouvir. Ele olhou-a nos olhos e disse, num tom de voz amigável, mas firme:

— Guarde lá isso!

Bem, porque uma coisa era ser chamado «preto retinto» ou «cabeça de turbante», mas isso era, de certo modo, melhor do que estar ali como um idiota a receber esmola por um trabalho bem feito. Quando cheguei a casa e contei à minha mulher o que tinha acontecido, ela é que me chamou idiota, por ter recusado o dinheiro. Tínhamos acabado de comprar uma casa geminada e os gémeos tinham 18 meses, e as fraldas, as chupetas e as toalhitas humedecidas não são de borla. Quando fui para a cama, fiquei ali muito tempo a matutar se devia ter aceitado o dinheiro. Se fosse hoje, tinha feito a mesma coisa. Eu disse a minha mulher? Queria dizer a minha ex-mulher.

*

Eu percebo. Só estou a pensar no porquê de teres perdido tanto tempo. Porque é que não vieste mais cedo? Porque é que falaste com a Laide e com a Panther e com os antigos colegas de escola do Samuel antes de vires ter comigo? Esperavas mesmo que o pessoal do lar de idosos e dementes da avó do Samuel te ajudasse a entender o que aconteceu? O que é que o vizinho da avó do Samuel tem que ver com isto? Se eu vier a fazer parte deste projeto, quero fazer parte dele a tempo inteiro, do início ao fim, porque ninguém conhecia o Samuel melhor que eu.

*

O Guppe conta que preparou o pequeno-almoço e tocou a campainha. Depois eu olhei pela janela e vi que o Samuel e a avó se tinham ido embora. Iam a andar para o carro. Ela estava a segurar-lhe o braço. Ela coxeou em direção ao lado do condutor, para se sentar ao volante. O Samuel conduziu-a para o lado do passageiro. Depois ajudou-a a prender o cinto de segurança e, depois de ter fechado a porta e de ter posto a mala de viagem e o saco de plástico atrás, no banco traseiro, parou para respirar fundo de uma maneira semelhante à minha. Foi como se ele estivesse ali, durante um segundo, a reunir forças para a segunda parte do jogo. Eu faria a mesma coisa depois de um longo dia de trabalho. Ele fê-lo passados 20 minutos com a própria avó. Depois tirou o chapéu de pele, bateu ao de leve na sua própria face e sentou-se ao volante.

*

A propósito, de que vizinho se trata? O fulano do número 32? Ele vai todos os invernos à Tailândia foder putas. Juro-lhe que sim. Até putas novinhas, mesmo à beira da idade legal, putas a quem ele pode pagar, para que lhe digam que têm 12 anos, para que ele possa ter tesão com a sua triste picha de pensionista. Vai lá todos os invernos, desaparece de casa e instala alarmes em todas as luzes e está fora durante dois ou três meses e depois regressa com fotografias das putas que fodeu, e imprime as fotos, e põe-nas no painel de avisos lá do escritório, como postais. É verdade, vimos aquilo pela janela. O Samuel costumava chamar-lhe o «muro da vergonha». Eu suspeito que foi o vizinho quem ateou o fogo. Odiava todos os que lá viviam. E não pareceu nada surpreendido quando os bombeiros apareceram.

*

Guppe conta que o carro pegou e se moveu para a frente e para trás, para a frente e para trás. Ai à quinta tentativa, o Samuel conseguiu sair

do lugar de estacionamento e virou o carro em direção à ponte. Depois puxou pelo motor e guinou colina abaixo. Ia demasiado depressa. Ter-me-ia lembrado disso, se não tivesse ouvido o que aconteceu logo no dia seguinte? Não sei. Não me parece. Foi a última vez que o vi [parece estranhamente incomodado, tendo em conta que mal o conhecia]. Se quiser falar com a avó do Samuel, terá de voltar quando ela se estiver a sentir melhor. Mas, infelizmente, não me parece que venha a ser de grande ajuda. Ela está a afastar-se e a ficar cada vez mais nublada.

**Quem decide o que é importante e o que é supérfluo?
O que se esconde por trás daquilo de que não nos lembramos?**

Samuel morre num terrível desastre de viação. Tratou-se de um acidente ou de suicídio? Um escritor desconhecido decide percorrer o último dia de vida de Samuel, entrevistando as pessoas que o conheceram de perto: o melhor amigo, Vandad, agora na prisão; Panther, uma artista *underground* a residir em Berlim; o seu grande amor, Laide, ativista em prol das mulheres imigrantes; a avó, em vias de perder a memória. Com o decorrer das conversas, contudo, os registos contradizem-se, complicam-se, tornam-se ambíguos, até que as linhas entre lealdade e traição, proteção e perigo se esbatem irrevogavelmente.

«Um livro fascinante e misterioso. Cada frase vibra com a prosa eletrificante de Khemiri.»

HERMAN KOCH

«*Tudo Aquilo Que não Lembro* é um trabalho literário impressionante.»

NEW YORK JOURNAL OF BOOKS

ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-8864-41-3



9 789898 864413

Literatura Traduzida

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT